

# A CHINELA TURCA: DESEJO E GOZO NA FANTASIA

**Carlos Eduardo Frazão Meirelles<sup>1</sup>**  
*Instituto de Psicologia - USP*

*A associação livre do sujeito em análise possibilita a tomada do desejo inconsciente nas malhas do significante, revelando um sujeito dividido. No ponto limite de sua divisão o sujeito se experimentaria como objeto de gozo - objeto a na álgebra lacaniana. A estrutura da fantasia inconsciente articula o sujeito dividido com o seu ser de objeto ( $\$ \diamond a$ ). A análise do conto "A Chinela Turca", de Machado de Assis, permite acompanhar este trajeto clínico em um sonho ficcional.*

*Descritores: Freud, Sigmund, 1856-1939. Lacan, Jacques, 1901-1981. Assis, Machado, 1839-1908. Desejo. Gozo.*

## ***Do significante ao objeto a***

**A**o longo de "A interpretação dos sonhos", Freud (1900/1972) nos dá provas de que o sonho é uma realização de desejo. É nas malhas do significante que este desejo é tomado, revelando um para além da demanda que motiva o sujeito à análise. Ao enunciado do conteúdo manifesto do sonho advém uma enunciação, latente, que comumente surpreende o sujeito, que a sente como alheia à imagem que tem de si. Nisto reconhecemos o sujeito dividido pela intervenção da linguagem. O que se revela nessa etapa de investigação é da ordem do sentido, da ordem do que pode ser suportado por palavras.

---

1 Psicólogo e Mestre em Psicologia pelo Instituto de Psicologia - USP e psicanalista.  
Endereço eletrônico: frazaomeirelles@ig.com.br

A tese de que o sonho é a realização de um desejo revela-se, na prática, pela sobredeterminação do sonho, uma polifonia de realização de desejos. Porém nesta proliferação de sentidos para o desejo, Freud reconhece algo que chamou de umbigo do sonho, ponto limite das elaborações para o qual convergiriam, sobre o qual o sujeito nada tem a dizer. Deduz-se daí uma falta à qual o desejo estaria submetido, e que lhe destinaria a um movimento perpétuo. Um dos modos de situar esta falta estruturante do psiquismo humano é por meio do objeto perdido da infância, tal como elabora Freud (1905/1996) nos “Três ensaios sobre a sexualidade”. Uma primeira satisfação com um objeto deixaria uma marca no sujeito, responsável pela busca de recuperação dessa satisfação, num retorno eterno que só encontra objetos não todo, já que o da primeira satisfação é irrecuperável. Isto introduz o sujeito numa compulsão à repetição.

O sonho de Freud (1900/1972) da injeção de Irma, escolhido por ele como o sonho paradigmático, é abordado por Lacan (1954-1955/1985) em *O Seminário - livro 2* para indicar o caráter radicalmente descentrado e acéfalo do sujeito do inconsciente. O sonho, cuja análise permite inúmeros sentidos para o desejo de Freud, culmina numa fórmula química, a da trimetilamina, em que nenhum eu aparece. São apenas letras e traços que compõem a imagem onírica, representando um ponto limite do Simbólico. Este seria o que mais se aproxima do chamado umbigo do sonho, sobre o qual nada mais tem-se a dizer, e no qual o sujeito se experimenta como falta-a-ser.

Esse ponto radical da divisão em que o sujeito desaparece e faz surgir algo do objeto perdido, é o ponto de entrada da fantasia propriamente inconsciente. Um exemplo especialmente didático pode ser encontrado na construção da fantasia fundamental que Freud (1919/1976) faz, coligindo seis casos clínicos: *bate-se em uma criança*. Aqui o sujeito desaparece sob o significante *bate-se*. Esta é já a fantasia fundamental reduzida de todas as múltiplas formas transitivas. Acompanhando seu desenvolvimento, encontramos as variações “meu pai está batendo na criança que eu odeio” e “estou sendo espancado por meu pai” (Freud, 1919/1976, p. 201). Aí já aparece a figura do pai, em um enriquecimento imaginário. Como indica Freud, esse desenvolvimento da fantasia abre a cena edípica do sujeito. A tradução da

primeira frase seria “meu pai não ama esta criança, pois está batendo nela, ama apenas a mim” (Freud, 1919/1976, p. 202). A segunda frase seria o substituto de cena sexual em que o pai toma a criança como objeto. A relação com o complexo edípico pode ser reconhecida, também, na época em surge a fantasia na criança, geralmente por volta dos cinco anos de idade.

A dimensão inconsciente da fantasia, que pode ser precisada na frase *bate-se em uma criança*, já está decantada do imaginário que pode produzir prazer ao sujeito que, por exemplo, devaneia. A dimensão inconsciente da fantasia é justamente o que está para-além do princípio do prazer, surgindo na consciência do sujeito como perturbação. A repetição para além do princípio do prazer já não é mais da ordem do desejo, mas da ordem do gozo.

Como tudo nos indica nos fatos, na experiência e na clínica, a repetição se funda em um retorno do gozo. E o que a esse respeito é propriamente articulado pelo próprio Freud é que, nessa mesma repetição, produz-se algo que é defeito, fracasso. (...) Na própria repetição há desperdício de gozo (Lacan, 1969-1970/1992, p. 44).

Lacan apresenta o gozo da repetição em uma dialética de retorno e perda. O que se recuperaria e se perderia, ao mesmo tempo, seria a “forma mais simples de marca, que é, falando propriamente, a origem do significante” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 44). Lacan dá a ela o nome de traço unário.

Há algo de completamente radical - é a associação, no que está na base, na própria raiz da fantasia, dessa glória, se é que posso me exprimir assim, da marca. Falo da marca sobre a pele, onde se inspira, nessa fantasia, o que nada mais é que um sujeito que identifica como sendo objeto de gozo. Na prática erótica que estou evocando, a flagelação, o gozar assume a própria ambigüidade pela qual é no seu plano, e em nenhum outro, que se percebe a equivalência entre o gesto que marca e o corpo, objeto de gozo. (Lacan, 1969-1970/1992, p. 47)

Isto é exatamente o que podemos localizar em *bate-se em uma criança*. O bater é um significante que representa o gesto que marca o corpo. A criança, por sua vez, situa-se como nada mais que um corpo, objeto de gozo do Outro. É como objeto que o sujeito se reconhece no ponto limite de sua divisão, como falta-a-ser. “Este ser que lhe falta é o que sua fantasia ( $\$ \diamond a$ ) lhe indica como sendo o objeto com o qual ele, como sujeito, se encontra em

conjunção e disjunção - objeto condensador de gozo: objeto *a*” (Quinet, 1993, p. 111). “O objeto *a* é aquele que, estando fora da cadeia significante, a orienta” (Quinet, 1993, p. 78). Ele afirma o vazio como objeto e pode ser assimilado ao que Freud articulou como umbigo do sonho. Seria efeito da linguagem, “produto do trabalho do significante sobre o gozo” (Quinet, 1993, p. 91). O aspecto de falta do objeto explicita, a meu ver, sua característica de ser causa do desejo. É como causa que o objeto *a* fornece respostas ao desejo.

A fantasia implica uma orientação clínica: “O que se visa é transformar o sujeito nas suas relações com o gozo, que se apresenta perturbador” (Nogueira, 1999, p. 98). A metamorfose do sujeito, que aí se realizaria, recebeu de Lacan o nome de travessia da fantasia. Atravessar a fantasia fundamental seria “percorrê-la para que o sujeito possa experimentar-se nos dois pólos que ela encerra: o do sujeito e o do objeto ( $\$ \diamond a$ )” (Quinet, 1993, p. 117). Isto promoveria

(...) um abalo e uma modificação, nas relações do sujeito com a realidade, levando-o a uma zona de incerteza, pois ele é largado pela âncora da fantasia, liberando as amarras das identificações que mapeavam sua realidade. Neste momento nada pode escamotear sua castração. Este sujeito destituído encontrará sua certeza em seu ser de objeto. (Quinet, 1993, p. 118)

Ocorreria a “revelação de um ser em contraposição ao sujeito”, de tal modo que, “a partir desta experiência de ser, o sujeito poderá esvaziar esse objeto do gozo do Outro que lhe sustenta a fantasia” (Quinet, 1993, p. 118).

### ***Um sonho ficcional***

O conto “A Chinela Turca”, de Machado de Assis (1882), coloca o mesmo problema abordado por Freud (1907/1976) em “Delírios e sonhos na *Gradiva* de Jensen” - seria possível interpretar sonhos ficcionais? Freud não só responde afirmativamente a esta questão, como é levado a interpretar todo o romance para investigar os sonhos, comprovando que o próprio texto literário pode ser interpretado de modo semelhante a um sonho.

Apresento um resumo do conto.

O personagem principal de “A Chinela Turca”, o bacharel Duarte, prepara-se para ir a um baile encontrar sua recente namorada Cecília, quando recebe a inesperada visita do Major Lopo Alves. Sentindo-se obrigado a corresponder à visita do companheiro de seu finado pai, Duarte resigna-se, abdicando do baile. Lopo Alves compôs uma peça literária e, desejando a opinião de Duarte, propõe ler suas cento e oitenta páginas. Após enfadonhas páginas iniciais, Duarte cai no sono, enquanto o Major continua a ler, sem que isto transpareça ao leitor, que só no fim do conto toma conhecimento do fato. Duarte tem um sonho extenso. Nele, o major vai embora e chegam outros homens, acusando-o de um furto. É levado de casa, supondo tratar-se de desforço de algum rival suplantado no amor de Cecília. Após ser apresentado a um homem velho e a uma moça bela, semelhante à Cecília, recebe a notícia de que casaria com ela. Recusa-se a casar, e o velho insiste, dizendo que ele deve casar com a mulher, escrever um testamento a ela e, por fim, engolir certa droga do Levante - “O senhor, continuou o velho, tem uma fortunazinha de cento e cinquenta contos. Esta pérola será sua herdeira universal” (Machado de Assis, 1882, p. 301). Com a ajuda do padre que ali estava para o casamento, o sujeito foge, correndo pelo jardim. Chega a uma casa em que o Major Lopo Alves está lendo um jornal. Duarte acorda com a última frase do texto literário. Elogia o texto de Lopo Alves e agradece à Ninfa pela substituição do tédio por um pesadelo.

Passo a uma análise mais detida do texto.

No início do conto, o personagem principal divide-se. Preparando-se para o baile no qual encontraria Cecília, seu recente amor, recebe a visita do Major Lopo Alves, “um dos mais enfadonhos sujeitos do tempo”. Seria “impossível despedi-lo ou tratá-lo com frieza”, por ser “velho amigo de família, companheiro de seu finado pai no exército” (Machado de Assis, 1882, p. 295).

Há um impedimento de seu desejo em relação à Cecília, derivado de seu pai já morto. Bastante semelhante ao caso clínico de Freud nomeado como “Homem dos Ratos”, que encontra uma proibição para sua vida amo-

rosa em um pai morto. Lacan comenta a função do Outro na neurose obsessiva escrevendo que

(...) essa função, na neurose obsessiva, admite ser sustentada por um morto, e que, neste caso, não poderia ser mais bem exercida do que pelo pai, uma vez que, estando efetivamente morto, ele retornou à posição que Freud reconheceu como sendo a do Pai absoluto. (Lacan, 1966/1998, p. 604)

Diante do desejo de ir ao baile e de seu impedimento, o sujeito faz uma conciliação, dizendo que “havia felizmente uma circunstância atenuante; o major era aparentado com Cecília; em caso de necessidade, era voto seguro” para a aprovação do casamento. Duarte vive a leitura do texto do major como um “cálix de amargura”, um “suplício”, um “desespero” (Machado de Assis, 1882, p. 296). O sonho surge como uma formação de compromisso, na medida em que mantém o sujeito na presença de Lopo Alves, ao mesmo tempo em que desenvolve uma fantasia com Cecília. O compromisso das duas forças opostas, o desejo e seu impedimento, ocorre na estrutura significativa do sonho, que consiste na permutação dos significantes do texto literário de Lopo Alves com os significantes da relação do sujeito com Cecília.

O escárnio ao texto de Lopo Alves é mordaz: “nada havia de novo naquelas cento e oitenta páginas, senão a letra do autor” (Machado de Assis, 1882, p. 296). O mesmo ocorre nos significantes, discretamente veiculados por Machado na descrição que Lopo Alves faz de seu talento: “Desde criança padeci destes achaques literários. O serviço militar não foi remédio que me curasse, foi um paliativo. A doença regressou com a força do primeiros tempos. Já agora não há remédio senão deixá-la” (Machado de Assis, 1882, pp. 295-296). Duarte, no mesmo sentido, recorda-se da atividade de escrita do major como uma “moléstia”, mantendo, porém, sua postura de fachada como de início, escarnecendo “muito as faculdades mentais do major” (Machado de Assis, 1882, p. 296).

Havia logo no primeiro quadro, espécie de prólogo, uma criança roubada à família, um envenenamento, dois embuçados (...). No segundo quadro dava-se conta da morte de um dos dois embuçados, que devia ressuscitar no terceiro, para ser preso

### *A Chinela Turca: Desejo e Gozo na Fantasia*

no quinto, e matar o tirano do sétimo. Além da morte aparente do embuçado, havia no segundo quadro o rapto da menina, já então moça de dezessete anos, um monólogo que parecia durar igual prazo, e o roubo de um testamento. (pp. 296-297)

Além do desejo de morte do major, Duarte confessa que “a leitura de um mau livro é capaz de produzir fenômenos ainda mais espantosos” (Machado de Assis, 1882, p. 297). Na frase seguinte dá-se o fenômeno - a entrada no sonho. A passagem da vigília ao sonho ocorre de modo sutil, imperceptível à primeira leitura, algo como a própria experiência de sonhar.

Enquanto aos olhos carnavais do bacharel aparecia em toda a sua espessura a grenha de Lopo Alves, fulgiam-lhe ao espírito os fios de ouro que ornavam a formosa cabeça de Cecília; via-a com os olhos azuis, a tez branca e rosada, o gesto delicado e gracioso, dominando todas as demais damas que deviam estar no salão da viúva Meneses. Via aquilo e ouvia mentalmente a música, a palestra, o soar dos passos, e o rugeruge das sedas; enquanto a voz rouquenha e sensaborona de Lopo Alves ia desfiando os quadros e os diálogos, com a impassibilidade de uma grande convicção. (Machado de Assis, 1882, p. 297)

Opõe os olhos carnavais ao espírito - o que indica a visão ainda em Lopo Alves, mas o pensamento já em Cecília. Num passo seguinte, não há mais dúvida de que sonha; *via* Cecília no salão e *ouvia* os sons que ali aconteciam. O narrador faz pouco caso desta passagem, continuando a descrição como se nada de novo tivesse ocorrido, de modo a produzir, no final, um efeito no leitor com a descoberta de que era sonho.

Voava o tempo, e o ouvinte já não sabia a conta dos quadros. Meia-noite soara desde muito; o baile estava perdido. De repente, viu Duarte que o major enrolara outra vez o manuscrito, erguia-se, empertigava-se, cravava nele uns olhos odientos e maus, e saía arrebatadamente do gabinete. (Machado de Assis, 1882, p. 297)

Este fragmento já é todo ele sonho. A característica do texto, até a revelação final do sonho, é sustentar uma ambigüidade entre sonho e realidade que despista o leitor. A descrição do sonho adequa-se, também, como descrição da realidade. Trata-se do recurso metonímico de jogar com o duplo sentido, deslizando-o perpetuamente. Lacan comenta que este é um recurso próprio à corrente literária realista, da qual os livros maduros de Machado de

Assis (1882), como “Papéis Avulsos”, fazem parte. Em seu seminário sobre as formações do inconsciente, Lacan comenta este recurso em relação ao escritor Maupassant.

Esse álbi perpétuo, que faz com que vocês não saibam se o que está sobre a mesa é a carne de menina-moça ou truta, permite à descrição realista, como se diz, prescindir de qualquer referência abissal a seja lá que sentido ou trans-sentido for, poético ou moral ou de outra ordem. Isto esclarece suficientemente, segundo me parece, o que estou apontando quando digo que é numa perspectiva de deslizamento perpétuo do sentido que todo discurso que almeja abordar a realidade é obrigado a se manter. (Lacan, 1957-1958, p. 83)

Nesse primeiro fragmento de sonho citado, já podemos notar uma primeira realização de desejo - a saída descrita de Lopo Alves. É um desejo consciente, manifestado claramente pelo personagem no início do conto. Os *olhos odientos e maus* do major certamente ocorreriam na realidade, se Duarte manifestasse seu desejo: a opinião de que o drama é ruim, e a atitude de ir ao baile, ao invés de continuar a ouvir o major.

A chegada imediata de outro sujeito à casa de Duarte parece opor-se à realização de desejo. Trata-se de “um homem baixo e gordo” que se apresenta como policial e acusa Duarte de um “delito grave” - o “furto” de uma “chinela turca” que “vale algumas dezenas de contos de réis; é ornada de finíssimos diamantes, que a tornam singularmente preciosa” (Machado de Assis, 1882, p. 297). Os significantes *delito grave* e *furto* remetem à *criança roubada* e ao *roubo de um testamento* do texto literário de Lopo Alves.

Depois que cinco homens levaram Duarte para um carro, o homem gordo - que “já estava lá” (Machado de Assis, 1882, p. 298), numa sutil referência ao discurso onírico que não se subjugava ao tempo e ao espaço - diz:

Como então pensava que podia impunemente furtar chinelas turcas, namorar moças louras, casar talvez com elas... e rir ainda por cima do gênero humano. Ouvindo aquela alusão à dama dos seus pensamentos, Duarte teve um calafrio. Tratava-se, ao que parecia, de algum desforço de rival suplantado. (Machado de Assis, 1882, p. 298)

O *policia*l que leva Duarte para o carro remete ao significante *ser preso* do texto de Lopo Alves. A *namorada* de Duarte, Cecília, era *loura*. A menção a um casamento entre os dois foi feita no início do conto, quando o narrador diz que “não era de admirar que, antes do fim do ano, estivessem ambos a caminho da igreja” (Machado de Assis, 1882, p. 295). No sonho, o homem baixo e gordo junto a um magro e alto apresentam-se como um par - par significante - e confessam que não são da polícia. Mais adiante, Duarte pondera.

A chinela vinha a ser pura metáfora; tratava-se do coração de Cecília. Que ele roubara, delito de que o queria punir o já imaginado rival. A isto deviam ligar-se naturalmente as palavras misteriosas do homem magro: o par é melhor que o terno; um casal é o ideal. (Machado de Assis, 1882, p. 300)

Compõe-se no sonho de Duarte um situação triangular edípica, na qual ele sofreria a punição de um rival. No início do conto, o triângulo compõe-se entre Duarte, Cecília e Lopo Alves, representando o pai morto de Duarte; no sonho, entre Duarte e Cecília há um rival imaginário. O que se explicita neste fragmento do sonho é o medo de punição, atuante, porém não nomeado, na relação de Duarte com seu pai, morto no início do conto. Este medo de punição denuncia o desejo.

Duarte é levado com os olhos tapados a uma “sala vasta”, com “algumas vozes”, algo próximo do que seria um “salão” onde ocorria o baile em que encontraria Cecília. As pessoas saem antes de serem retiradas as vendas dos olhos. Chega um “padre alvo e calvo”. Duarte recebe a bênção. Levado a outra sala, encontra “um homem velho que representava ter cinquenta e cinco anos; era uma figura atlética, farta de cabelos na cabeça e na cara” (Machado de Assis, 1882, p. 300). O Lopo Alves era *velho* amigo de família e iniciou a leitura do drama às nove horas e *cinquenta e cinco* minutos. Além disto, os exercícios militares, pelos quais um major passa, costumam produzir corpos atléticos. O rival imaginário que passa pela figura do policial chega à figura do homem velho.

O velho admite que o “roubo da chinela foi um simples pretexto (...), a chinela não foi roubada; nunca saiu das mãos da dona (...), e não tinha re-

nhum diamante”. A chinela era um “milagre de pequenez”, “era de marroquim finíssimo; no assento do pé, estufado e forrado de seda cor azul, rutilavam duas letras bordadas a ouro. (...) É chinela de moça” (id., *ibid.*, p. 300-1). A poltrona em que Duarte dormia, ouvindo Lopo Alves, era de *marroquim*. No início do sonho os cabelos de Cecília são descritos como fios de *ouro*, e *moça* é uma personagem do livro de Lopo Alves.

O velho dá a notícia de que Duarte vai casar com a dona da chinela, “que era loura; tinha os olhos azuis como os de Cecília” (id., *ibid.*, p. 301). O imperativo para casar com a moça que representa Cecília seria mais uma realização de desejo no sonho, porém, mais uma vez, trata-se de um desejo plenamente consciente manifestado no início do conto.

O que surpreende é Duarte não querer casar. Esta recusa de seu desejo dá margem ao drama do sonho, a algo que suplanta o campo do desejo.

Três coisas vai o senhor fazer agora mesmo, continuou impassivelmente o velho: a primeira é casar; a segunda escrever o seu testamento; a terceira engolir certa droga do Levante... (...) O senhor, continuou o velho, tem uma fortunazinha de cento e cinquenta contos. Esta pérola será a sua herdeira universal. (Machado de Assis, 1882, p. 300)

A *morte por envenenamento* e uma herança roubada repetem significantes do texto de Lopo Alves, articulando-os a um casamento com a mulher semelhante a Cecília. Ter uma fortunazinha de cento e cinquenta contos poderia ser tomado como mais uma realização de desejo, ao lado do casamento com Cecília. Porém, mais além, a imiçãõ do significante dinheiro faz surgirem também a morte e a angústia, que tornam o sonho um “pesadelo” (Machado de Assis, 1882, p. 303), tal como descrito no final do conto.

Ter uma fortunazinha não é um desejo consciente, ao contrário dos demais. Nos acontecimentos da vida de vigília sequer há menção a dinheiro. No sonho, pelo contrário, riquezas aparecem por todo lado. Inicialmente, na chinela turca, que vale algumas dezenas de contos de réis e é ornada de finíssimos diamantes. Mesmo depois de desmentido os diamantes, ela se apresenta feita de marroquim finíssimo, e forrada de seda com duas letras

bordadas a ouro. Objetos mercantis valiosos aparecem também na sala vasta, a qual Duarte é levado ao encontro do velho. A sala é descrita como

(...) trastejada com elegância e opulência. Era talvez sobreposse a variedade dos adornos; contudo, a pessoa que os escolhera devia ter gosto apurado. Os bronzes, charões, tapetes, espelhos, - a cópia infinita de objetos que enchiam a sala, era tudo da melhor fábrica. (Machado de Assis, 1882, p. 300)

Havia ainda “castiçais de prata” (Machado de Assis, 1882, p. 300). A sobreposse suspeitada na variedade talvez seja um indicativo de roubos anteriores.

Os deslocamentos de objetos valiosos, cujo representante geral é o dinheiro, distribuem-se ao longo do sonho, vindo a incidir no sujeito no ponto máximo de tensão do conto - a iminência da morte. Neste ponto, o dinheiro substitui Duarte, o personagem é tomado como uma porção de contos de réis.

A psicanálise revela que o dinheiro é mais do que um objeto para suprir necessidades. Como significante, ele participa da série de equivalências simbólicas de objetos destacados do corpo, marcados pela castração - seio, fezes, pênis, dinheiro. Como metonímia da falta-a-ser participa do campo do desejo. Porém, “o dinheiro não só entra nessa série de objetos imaginários marcados pela falta, como é aquilo que permite um ciframento do gozo” (Quinet, 1993, p. 96). “O dinheiro como metonímia do capital aparece sempre como substituto desse objeto *a*” (p. 97).

Encontraríamos uma “equivalência entre o gesto que marca e o corpo, objeto de gozo” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 44), no envenenamento do corpo de Duarte e na sua conseqüente produção de um mais-de-gozar ao Outro, cifrado nos cento e cinquenta contos de réis. A fortunazinha que o personagem encarna indica a incidência do campo de gozo no sujeito. Surge no sonho como rompimento dos limites da vida, desprazer que faz do sonho um pesadelo. Este ponto limite do sonho levanta a questão da fantasia inconsciente do sujeito - ignorada pelo personagem como podemos constatar pelos fragmentos de vigília - de ser tomado como objeto de gozo no casamento.

A partir desse ponto a análise não pode avançar, pois não é possível interpelar o personagem. Tendo o sonho advindo como uma formação de compromisso entre o desejo por uma mulher e o impedimento de um pai, fica a questão da relação entre esse prenúncio de fantasia inconsciente e o drama edípico do sujeito. Em alguns textos, Machado de Assis estende-se mais na descrição e construção das personagens, tornando possível a investigação da história dos sintomas e da fantasia do sujeito.

Como se trata de literatura, a tensão criada pela pulsão de morte precisa ser resolvida. O herói se safava do perigo. No momento em que o sujeito está prestes a morrer, há uma reviravolta. O padre que iria casar Duarte com a herdeira da fortuna confessa ser “tenente do exército” (Machado de Assis, 1882, p. 302), indicando a janela para Duarte fugir. Trata-se de um homem militar, tal como Lopo Alves e o pai falecido de Duarte. A inversão de rumo no sonho é a inversão da posição do pai, de rival para protetor. Duarte foge pela janela e corre até uma casa.

Um homem que ali estava, lendo um número do *Jornal do Comércio*, pareceu não o ter visto entrar. Duarte caiu numa cadeira. Fitou os olhos no homem. Era o major Lopo Alves. O major, empunhando a folha, cujas dimensões iam-se tornando extremamente exíguas, exclamou repentinamente: - Anjo do céu, estás vingado. Fim do último quadro. (Machado de Assis, 1882, p. 302)

Quando o major havia falado sobre a composição de seu drama, Duarte havia prometido recomendá-lo a amigos que tinha no *Correio Mercantil*. O *Jornal do Comércio* que surge, agora, no sonho, nas mãos do major é um deslocamento do *Correio Mercantil*. Este é o fragmento da volta sutil à vigília, quando o leitor descobre que tudo não passou de um sonho. Pode-se reconhecer a curva do princípio do prazer na crescente tensão, criada até seu ponto máximo, na iminência de morte do personagem e, depois, na distensão em que o herói se salva, até o ganho de prazer final do conto, no anúncio de que se tratava de um sonho.

Ninfa, doce amiga, fantasia inquieta e fértil, tu me salvaste de uma ruim peça com um sonho original, substituíste-me o tédio por um pesadelo: foi um bom negócio.

### *A Chinela Turca: Desejo e Gozo na Fantasia*

Um bom negócio e uma grave lição: provaste-me ainda uma vez que o melhor drama está no espectador e não no palco. (Machado de Assis, 1882, p. 302)

A substituição de uma ruim peça por um sonho original, apresenta uma dimensão de realização de desejo. Porém o pesadelo que substitui o tédio denuncia que a formação de compromisso custou um a mais ao sujeito. A produção do significante *negócio* remete não só à troca do texto ruim de Lopo Alves por um sonho original, mas também à troca mercantil, que o sonho imputou ao ser do sujeito.

Meirelles, C. E. F. (2004). The short story “A Chinela Turca” by Machado de Assis: Desire and in fantasy. *Psicologia USP*, 15(1/2), 295-308.

**Abstract:** The analytical subject’s free association process makes it possible for him/her to contact unconscious desires within a net of signs, revealing the nature of a truly divided existence. At an extreme division point the subject experiments himself/herself as object of pleasure- object a, in Lacan’s Algebra. The structure of unconscious fantasies articulates the split subject together with his/her object of being ( $\$ \diamond a$ ). The analysis of the Short Story “A Chinela Turca”, by Machado de Assis allows the reader to follow this clinical process through means of a fictional dream.

*Index terms:* Freud, Sigmund, 1856-1939. Lacan, Jacques, 1901-1981. Assis, Machado, 1839-1908. Desire. Fullfilment.

Meirelles, C. E. F. (2004). A Chinela Turca: désir et jouissance dans le fantasme. *Psicologia USP*, 15(1/2), 295-308.

**Résumé:** La libre association du sujet en analyse rend possible l’apparition du désir inconscient dans les filets du signifiant, tout en révélant un sujet divisé. À la limite de sa division le sujet s’expérimenterait en tant qu’objet de jouissance - objet “a” dans l’algèbre lacanienne. La structure du fantasme inconscient articule le sujet divisé avec son être d’objet ( $\$ \diamond a$ ). L’analyse du conte “A Chinela Turca”, écrit par Machado de Assis, permet d’accompagner ce trajet clinique dans un revê fictif.

*Mots-clés:* Freud, Sigmund, 1856-1939. Lacan, Jacques, 1901-1981. Assis, Machado, 1839-1908. Désir. Jouissance.

## Referências

- Freud, S. (1972). A interpretação dos sonhos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vols. 4 e 5). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a sexualidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 119–229). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1976). Delírios e sonhos na ‘Gradiva’ de Jensen. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 9, pp. 15–90). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1907)
- Freud, S. (1976). *Uma criança é espancada*. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol.17, pp. 193–219). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Lacan, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1966)
- Lacan, J. (1985). *O seminário. Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1954–1955)
- Lacan, J. (1992). *O seminário. Livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969–1970)
- Machado de Assis, J. M. (1882). *Papéis Avulsos*. Rio de Janeiro: José Aguilar.
- Machado de Assis, J. M. (1882). A Chinela Turca. In J. M. Machado de Assis, *Papéis Avulsos* (pp. 295–303). Rio de Janeiro: José Aguilar.
- Nogueira, L. C. (1999). O campo lacaniano: Desejo e gozo. *Psicologia USP*, São Paulo. 10(2), 93–100.
- Quinet, A. (1993). *4 + 1 condições da análise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Recebido em 09.06.2004

Aceito em 06.08.2004